

NOVA EGREJA DE S. SALVADOR.

Ha um anno tem-se erigido em Inglaterra, tanto na metropole e seus suburbios, como em as outras cidades e povoações, grande numero de edificios com diferentes destinos; e de muitos d'elles este jornal tem dado desenhos e noticia; templos, escolas, monumentos, construcções particulares são fabricados com um despendio, que só uma nação assim poderosa e opulenta pode costear as avultadas despezas que demandam, principalmente sendo feitos quasi ao mesmo tempo. É para notar que pela maxima parte não entram n'isto os dinheiros dos cofres do estado, e tudo é á custa de associações e de

individuos que promovem as subscrições, ou pagam da propria bolsa, e dirigem as obras e os institutos a que são applicadas. A nova egreja de S. Salvador em Warwick-road, sagrada no anno passado é de amplas dimensões e grandiosa structura no que chamam hoje estylo gothico, incluindo no mesmo gosto as vidraças de cores em repartimentos, apresentando uma serie de pinturas de assumptos escolhidos do Novo Testamento. O pulpito é uma peça rica de obra de talha em madeira de carvalho; e igualmente bem trabalhados são todos os ornamentos e adereços da egreja.

M.

JUNHO, 20, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

## ALFAYAS DO KREMLIN.

No thesouro do santo castello da Russia, estão depositadas não só as corôas que teem cingido as fronte dos czares e czarinas nos dias da sua coroação, mas também os thronos, e as corôas dos reinos que no decurso dos tempos teem succumbido ás armas russianas, e que formam hoje parte integrante do imperio. Poucas d'ellas se distinguem pelo seu merito artistico, e sim algumas por sua antiguidade, e quasi todas por sua magnificencia e extraordinaria riqueza. Parte d'estas alfayas figuraram na cathedral de Moscow, na occasião da coroação.

Daremos a descripção das principaes.

Citaremos em primeiro logar a corôa da imperatriz Anna Iwanowna, guarnecida de dois mil quinhentos e trinta e sete diamantes, e um rubim que foi comprado em Pekin por 60000 rublos.

A corôa de Uladimiro serve na coroação do herdeiro ao throno. É lavrada em filagrana, sobremontada por uma cruz de oiro massiço, que tem em cada extremo uma perola. Tem incrustadas quatro esmeraldas, dois rubins, vinte cinco perolas, e é rodeada com uma tira de marta de Siberia.

A corôa de Astrakan tem a forma de tiara com uma assombrosa profusão de pedras preciosas; mas de gosto pouco agradável. É ao mesmo tempo a corôa imperial de oiro de primeira ordem do czar, e do grã-duque Miguel Tendorowitsch, e está adornada com cincoenta e seis perolas grandes, uma safira de assombroso tamanho, doze gemmas de côr azul celeste de medianas dimensões, e doze mais pequenas de igual côr. Na parte inferior está como a precedente guarnecida de pelle.

A corôa da Siberia é de oiro massiço com adornos de preciosa obra d'arte. Tem sobreposta uma cruz adornada de perolas, e na parte inferior uma tira de velludo carmesim escuro.

Os dois sceptros — o imperial e o grande de estado — são riquissimos, se bem que alguma coisa de tosca construcção, guarnecidos com grande numero de pedras preciosas, e o ultimo rematado por uma formosa esmeralda.

A corôa de Kasan é de filetes de oiro, com esmaltes pretos. As pedras preciosas que a adornam são rubins e turquezas, e tem além d'isso muitas perolas engastadas em oiro. O remate é formado por um grande rubim que descansa sobre duas perolas, e sobremontado por outras duas. A borda inferior é forrada de pelle de zibelina. Kasan foi conquistada pelos russos em 1553, reinando Iwan IV. O valor da corôa está taxado em 884 rublos e 20 kopekes.

A corôa do czar e do grã-duque Pedro Alexiewitsch é geralmente chamada a gorra dos diamantes, por ter oitocentas e dezeseite d'estas pedras preciosas, e mais quatro rubins e oito esmeraldas. Calcula-se o seu valor em 16930 rublos. Tem mais adornos, e também está forrada inferiormente com pelle de zibelina.

A corôa de primeira ordem, que é a do czar Iwan Alexiewitsch, excede em valor as outras por causa de um grande rubim avaliado em 700 rublos. O seu valor total é de 17211 rublos.

O pequeno globo imperial é o da Russia Menor, e denomina-se de oiro. Foi depositado no thesouro imperial em virtude de um ukase do imperador Pedro II, datado de 30 de Março de 1728. É rematado por uma cruz massiça de prata.

O grande globo imperial da Russia, é de estylo bizantino; data do seculo X, e serviu de modelo a outros, que mais tarde se construíram em Veneza. Consistem as suas joias em cincoenta e oito diamantes, oitenta rubins, vinte e tres gemmas de côr azul celeste, cincoenta esmeraldas, e trinta e oito perolas engastadas em oiro esmaltado. Sobre uns escudos de forma triangular ha pintadas a esmalte varias scenas da vida de David. No anno de 1725, exceptuando os rubins da cruz, duas esmeraldas, e seis grandes perolas, foi este globo avaliado em 1630 rublos.

A corôa do czar Pedro Alexiewitsch é uma corôa de segunda ordem, de oiro liso, e assim também a cruz com perolas nos extremos. Avalia-se em 450 rublos.

O vaso que contém o oleo para a sagração do imperador, é de forma oval com pedestal de oiro ricamente adornado; a tampa é do mesmo metal, e por dentro a taça é de jaspe.

Tambem ha no thesouro imperial do Kremlin tres cruces adornadas com profusão de pedras, cujas insignias usam os czares em certos actos solemnes, e um terceiro globo, no genero bizantino, com abundantes adornos de esmalte e pedras preciosas.

As outras insignias do imperio russo, são: o escudo imperial, o estandarte, sello, e espada do imperio, com diferentes pendões e varios solios de deslumbrante magnificencia.

O escudo imperial é feito de coiro forrado de velludo carmesim, e bordado a oiro. A espada do imperio, que está n'uma bainha de velludo carmesim com bocal e ponteira de oiro, tem uma folha muito larga e a ponta arredondada. O punho compõe-se de duas cabeças de aguia, cobertas com uma corôa, sobremontada d'um pequeno globo imperial com uma cruzinha.

Dos solios ou thronos mencionaremos os que serviram na ultima coroação. O que a imperatriz occupou é o mais antigo, e foi dado no anno de 1605 pelo shah Abbas da Persia ao czar Boris Godunow. Está tão perfeitamente coberto com uma chapa de oiro, que parece ser todo massiço d'este metal. Os adornos, que constam de pedras preciosas e perolas, são magnificos. O segundo throno, destinado á imperatriz reinante, e que se chama o throno de oiro, é uma cadeira com seu respaldar muito alto, adornado com mil e quinhentos rubins, oito mil turquezas, dois grandes topasios e ametistas de grande belleza. Data do tempo do avô de Pedro Grande, o czar Miguel Feodorowitsch.

O terceiro é o throno imperial propriamente

dito, e ordinariamente se lhe chama a cadeira de diamantes. Está incrustado de abundantes pedras preciosas e perolas, e foi dado de presente ao pae de Pedro Grande, o czar Alexis Michaelowitsch. Tem no espaldar a seguinte inscripção:

«Ao poderoso e invicto Alexis, imperador dos moscovitas, que felizmente reina sobre a terra. Sirva-lhe este throno, obra distincta pela arte e formosa execução, de signal de benção e ventura n'este mundo, e no outro.» A.

Tratámos de traduzir esta legenda de um dos mais notaveis romancistas contemporaneos de Inglaterra, William Harrison Ainsworth, porque se refere a uma epoca pouco conhecida, e que tem passado quasi inappercebida aos estudos da erudição britânica, e mesmo ás inspirações menos profundas do drama, e do romance.

Walter Scott, que soube escolher sempre os assumptos mais dramaticos da historia de Inglaterra e de Escocia, que abrange com as suas admiraveis narrativas o longo periodo que decorre desde as cruzadas até ás derradeiras tentativas dos Stuarts, para reconquistarem o throno da Grã-Bretanha, nunca nos fez assistir á luta inevitavel que deveria travar-se entre o catholicismo e a reforma, durante o reinado de Henrique VIII.

«O ultimo abbade de Whalley», leva-nos exactamente ao seio dos acontecimentos, que occorram logo que o monarcha inglez abraçou o protestantismo.

Não admira que o clero, excitado pelo seu proprio perigo, recorresse á revolta. Henrique VIII separando-se de Roma, cedia aos resentimentos do seu amor proprio, e ao desejo de engrandecer o estado, com os despojos das ordens monasticas. Os intuitos politicos, como as paixões individuaes, levaram-no a firmar o poder absoluto, desvanecendo as resistencias da aristocracia, pelo largo quinhão que lhe offerecia, n'esta violenta expropriação das propriedades e riquezas do sacerdocio catholico.

A reforma, entretanto, lavrava ha seculos na Inglaterra e na Escocia depois de Wiclef. O clero, abandonado pelas classes superiores, com poucas raizes no espirito do povo, não pôde sustentar a sua causa. A *Peregrinação da Graça*, como a denominou a revolução, e de que trata o romance, caiu diante das armas do rei. A rainha Maria depois, pelas suas crueldades, e tyrannica perseguição em favor do catholicismo, condemnou-o mais depressa. Isabel, finalmente, opera a transformação religiosa, unindo ás crenças um raro talento para o governo, e tornando solidarios os destinos de Inglaterra na guerra emprehendida contra o poder desmedido de Hespanha.

Sem acreditarmos esta composição uma obra prima de pensamento e estylo, preferimol-a a outras, porque derramã uma grande luz sobre

um dos pontos, não sabemos se mais obscuros, mas pelo menos mais ignorados da historia ingleza.

LOPES DE MENDONÇA.

## O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

### I

N'uma tarde de Novembro de 1536, estavam oito homens de vigia no cimo do monte de Pendle. Dois conservavam-se collocados a alguma distancia dos primeiros, de modo que podiam avistar todo o campo de um e outro lado da montanha; estavam armados de espadas e arcabuzes, e via-se pelo seu trajo que eram archeiros: traziam bordado nas mangas o nome de Jesus, cercado das cinco chagas, emblema da Peregrinação da Graça. Ao pé d'elles existia um estandarte, mostrando uma cruz de prata, o calix e a hostia; e por baixo uma figura de ecclesiastico, de capacete e espada, apontando para um edificio monastico, como para indicar que era em sua defesa que assim se havia armado. Esta figura representava João Paslew, abbade de Whalley, ou conde da pobreza, como se intitidou depois que se dedicara ao exercicio das armas.

Dos outros seis, dois eram pastores, e seguavam duas mulas e um cavallo ricamente aparelhado. Outro era coureiro, trazia faca á cinta, um clarim a tiracollo, e encostado a um arco de setta, olhava para os outros tres homens que estavam defronte d'elle. Dois d'estes vestiam o habito de monges cisternienses, e o terceiro, que pelo respeito com que o tratavam, parecia ser seu superior, estava embrulhado n'um grande manto de velludo preto, tendo bordado nas mangas o mesmo emblema que os soldados traziam.

O seu aspecto era severo, e as suas feições, já quebrantadas pela idade, indicavam energia, como tambem o brilho dos seus olhos, e o seu porte magestoso.

No meio d'elles estava amontoada uma grande porção de lenha, em termos de poder lançar-se-lhe fogo. Ao pé estavam archotes, provavelmente para o mesmo effeito: em sitio abrigado, e encoberto ardia uma pequena fogueira.

N'aquelle anno desinvolvera-se uma terrivel rebellião no norte de Inglaterra, cujos sectários, respeitando a pessoa do monarcha Henrique VIII, tinham-se ligado para conseguir a restauração da supremacia papal, e a restituição dos bens ecclesiasticos. O seu fim era tambem castigar os inimigos da egreja romana, e supprimir heresias. Pelo seu character religioso tomou esta insurreição o nome de Peregrinação da Graça, e contava como seus partidarios todos aquelles que não tinham abraçado as novas doutrinas nos condados de Yorkshire e Lancashire. Não era para admirar que a suppressão

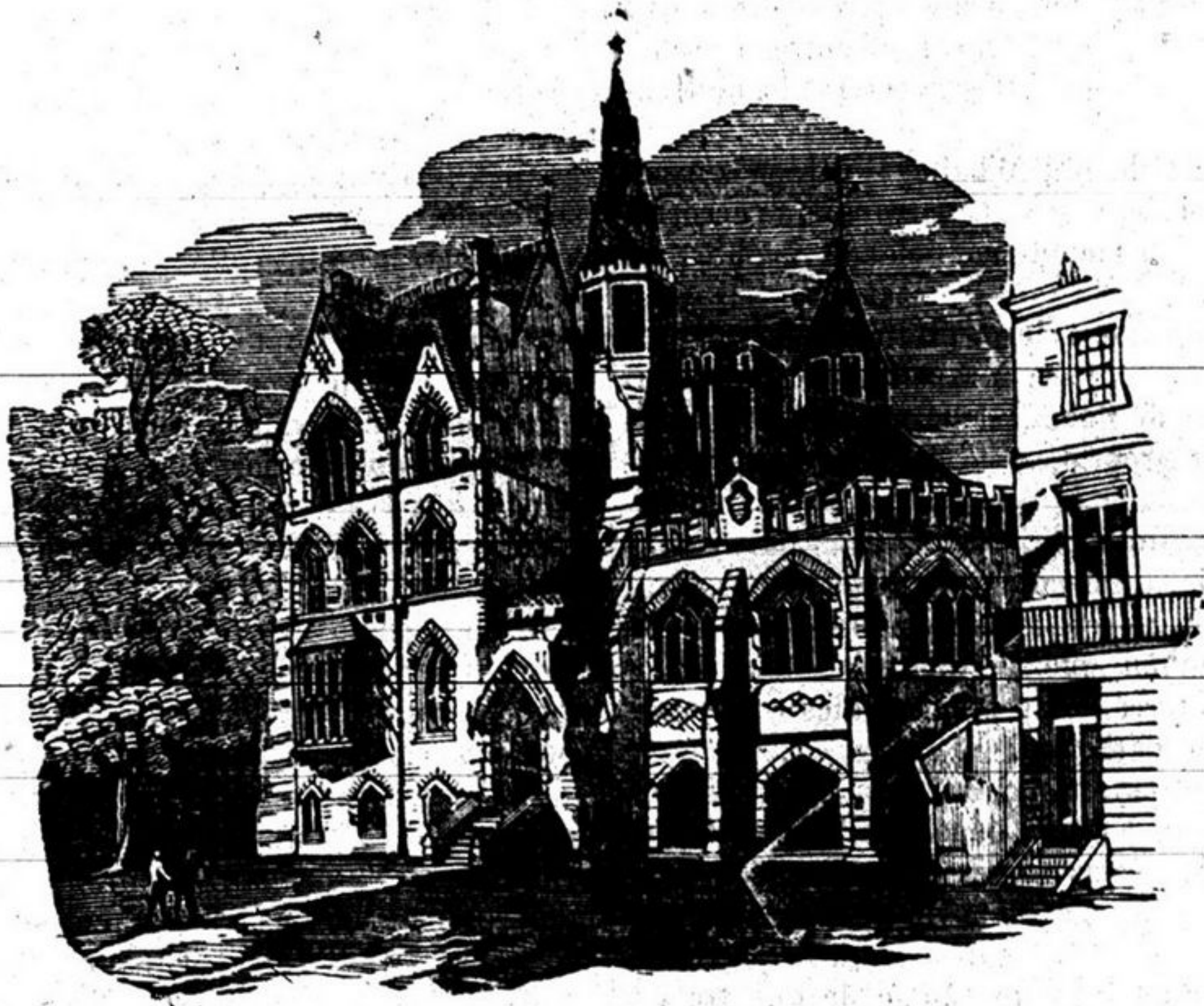
das ordens monasticas causasse uma insurreição d'esta natureza. A espoliação de tantos edificios sagrados, a destruição de altares, e imagens, olhados com veneração; a expulsão de tantos ecclesiasticos conhecidos pela sua hospitalidade, e respeitados pelo seu saber; as violencias e a rapacidade dos commissarios nomeados pelo vigario geral Cromwell, tantos desacatos eram mal vistos pelo povo, que se dispunha a auxiliar as victimas na sua resistencia. Até então tinham sido respeitados os mosteiros mais ricos do norte, e era para salvar estes das mãos dos visitantes, os doutores Lee e Layton, que a revolução havia rebentado. Um levantamento semelhante tivera tambem logar no condado de Linconkire, commandado por Makesel, abbade de Baslings, que foi logo suffocado pelo rigor e actividade do duque de Sufforh, e o seu chefe fôra morto. Mas a insurreição do norte era melhor organizada, e de maior força, e contava agora trinta mil homens debaixo do commando de Robert Ashe, habil e resolutu general.

Os padres eram, deve-se suppor, os principaes promotores d'esta revolta, porque todo o resul-

tado revertia em seu beneficio: e grande numero d'elles, seguindo o exemplo do abbade de Baslings, vestiam saias de malha em vez da de estamenha, e armavam-se para mantér os seus direitos e pôr termo aos seus males. Entre estes notavam-se os abbades de Jervaux, Furness, Fountains, Risanlx e Sailey, e ultimamente o abbade de Whalley, fogoso e energico prelado, que havia sido sempre constante na sua opposição ás medidas oppressivas do rei. Taes eram os designios, e os partidarios do movimento, que se denominou Peregrinação da Graça.

Já algumas cidades consideraveis pertenciam ao partido dos amolinados. York, Huli e Pontepact tinham cedido; o castello de Shipton estava sitiado, e defendido pelo conde de Cumberland, e aprestavam-se a dar batalha ao duque de Norfolk, e ao conde de Shrwenburg, que commandavam as forças do rei em Doncaster. Mas estes chefes realistas quizeram contemporisar, e offereceram uma amnistia aos rebeldes, que foi accepta por elles.

Continua.



ESCOLA PHILOLOGICA.

Foi fundada esta escola em Londres no anno de 1792 por um sobrinho do almirante Collingwood para dar educação das lettras e linguas aos filhos dos ecclesiasticos protestantes, dos officiaes do exercito e armada, dos professores, e de outros de empregos analogos que se achassem em circumstancias apuradas de falta de recursos. Originariamente estabeleceu-se proximo a Fitzroy-

square, mas ha trinta annos foi mudada para Gloucester-place em New-road. O numero dos pupillos cresceu tanto, que os reitores da casa entenderam ser necessario construir edificio amplo, o qual o nosso desenho mostra, e que é primoroso na execução da obra e com todas as precisas accomodações; forma um contraste notavel, mas agradavel á vista, com a County-Court e os banhos

publicos que lhe ficam exactamente fronteiros, dando assim um character architectonico áquella parte de New-road.

M.

BYRON!

Conclusão.

## IV

Deixemos por um momento o valente campeão da liberdade da Grecia, dedicando-se de coração á ardua tarefa que a si mesmo se impozera, defendendo os direitos do homem tão longe da sua patria, privando-se da sua pequena fortuna para armar a guarnição de Missolonghi, lutando com as difficuldades da guerra, com os desgostos da intriga e da desordem, com o perigo da peste que devasta a cidade: e lancemos um olhar retrospectivo sobre aquellas de suas obras, em que ainda não temos fallado.

*Melodias hebraicas*, suave canto inspirado pela poesia bíblica, para o qual adaptaram a musica Mrs. Braham e Natham. A *Maldição de Minerva*, poema vingador da Grecia contra seus proprios compatriotas. *Beppo*, novella veneziana, de engraçadissimo tecido. *Mazeppa*, sublime romance, cujo assumpto o autor extrahiu da *Historia de Carlos XII* por Voltaire. *O Sonho*, pintura ideal do seu primeiro amor. *A Ilha, ou Christiano e seus companheiros*, scenas maritimas entre os archipelagos do Oceano Pacifico, com soberbas descripções de algumas d'aquellas formosas ilhas, e a narração poetica de extraordinarios successos que se encontram em duas relações de viagens ao mar do sul. *A Edade de bronze*, satyra do congresso de Verona em 1822, uma das peças litterarias menos eguaes, que apparecem nas obras de Byron. *As Trevas*, poema extravagante, no qual o autor suppõe a extincção de todos os corpos lumindos. *O Avatar irlandez*, desafogo de uma alma nobre contra o misero estado a que via reduzida a Irlanda. *Avatar* é uma superstição dos indianos, a encarnação de Brahma ou Vishnou, que Byron applica, por irrisão, como titulo de honra a Jorge IV de Inglaterra. *Werner ou a herança*, drama ou tragedia, que por ambos os nomes lhe chama o autor, confessando todavia que não destinou este escripto para o theatro, nem o julga susceptivel de ali ser admittido. O enredo d'esta peça é extrahido de uma novella alemã, intitulada *Kruitzner*, e foi dedicada por Byron ao illustre Goethe. *Oscar d'Alva*, poemeto. Innumerous fragmentos de novellas, cantos de diversos generos, e versos soltos de todas as medidas, preenchem a parte denominada *Miscellaneas*, na collecção completa das obras de lord Byron. Mencionaremos algumas de mais subido merecimento.

A *perda d'Alhama*, por exemplo, romance lamentavel do sitio e tomada da mesma cidade;

imitação do arabe. Outras imitações do grego, do hespanhol, e uma do portuguez.

*Prometheu*; *O tumulto de Churchill*; *O adeus*, escripto quando o autor cria ver a morte mui proxima; a *Ode a Napoleão*; outra ode sobre a Estrella da Legião de Honra, vertida do francez; o *Adeus de um polaco a Napoleão*; poesias a Santa Helena e a Veneza; epygrammas; *O adeus á Inglaterra*, e muitos outros versos de valor, consagrados a differentes damas, ou escriptos em diversos albuns.

No corpo das obras de Byron tambem se encontram tres discursos parlamentares, unicos que pronunciou na camara dos lords, mas que lhe ganharam vehementes applausos; e egualmente algumas cartas a J. Murray, acerca da vida e das obras de Pope; e outras correspondencias de interesse secundario. Emfim o *Vampiro*, historia absurda, attribuida a Byron, por elle a haver contado em uma sociedade, mas não escripto.

Para um homem cuja vida não passou além dos trinta e seis annos, e esses em continua agitação, escreveu muito mais do que devia esperar-se, o nosso poeta, e sempre com o cunho da originalidade.

Volvamos á Grecia, a assistir aos seus ultimos momentos.

A 15 de Fevereiro de 1824 teve um primeiro ataque de febre, que não durou muito tempo, mas que o enfraqueceu bastante. Desde então não deixou de soffrer mais ou menos, e de enfraquecer successivamente. Contribuiu para lhe aggravar o mal, a completa abstenção que adoptou de bebidas e comidas excitantes, e a inacção em que caiu. Um dia constipou-se, e a melancolia pintou-se-lhe logo no rosto com côres assustadoras; virando-se para o conde Gamba, disse: «Soffro muito. A morte não me inquietta, porém não posso supportar esta agonia.»

Se não existe nenhuma biographia completa de Byron, pois que nem as de Moore, Bolwer e Galt são consideradas como taes, possuímos ao menos uma relação historica dos seus ultimos momentos, escripta pelo seu fiel criado Fletcher. Seguil-o-hemos.

A doença fatal de Byron teve principio ostensivo no dia 9 de Abril, com uma grande febre que se lhe desinvolveu, quando regressava de andar a cavallo, com tempo chuvoso. O mal progrediu a olhos vistos, mas ainda no dia 12 asseguravam os medicos Bruno e Milligen que não existia perigo para a vida do famoso poeta. Lord Byron dizia que os medicos não entendiam da sua doença, mas ia tomando os violentos purgantes que elles lhe receitavam, e não comia absolutamente nada. No dia 16 sangraram-no, e a 17 repetiu-se esta operação, sem apresentar resultados favoraveis para o enfermo. Byron não dormia, e algumas vezes delirava. A idéa de poder enlouquecer mortificava-o mais do que o pensamento da morte.

No dia 18, depois de um accesso de delirio,

o mysterioso bardo percebeu que se aproximava a sua derradeira hora. Chamou Fletcher para junto do leito, e communicou-lhe as suas ultimas disposições.

—A tua sorte está assegurada, Fletcher; murmurou o poeta.

—Supplico-lhe, mylord, que trate de objectos mais importantes; respondeu o fiel servo.

—Oh! minha querida filha! Minha Ada... Meu Deus, se pudesse ao menos vê-la! Abençoa-a por mim, e á minha querida irmã Augusta, e a seus filhos!... Tu irás a casa de lady Byron, dize-lhe... dize-lhe tudo!...

E continuou a fallar, por entre dentes, de tal maneira que Fletcher não podia entender o que lhe recommendava.

—Executarás tudo o que te disse? perguntava o moribundo.

—Se nada percebi, senhor!... respondia o bom criado. Tentae porém a repetição...

—Não posso! É muito tarde... Acabou-se tudo... Não é a nossa vontade, é a de Deus que se executa!

Ao meio dia houve junta de medicos, e receitaram-lhe vinho quinado. O poeta tomou o medicamento, e passado algum tempo manifestou o desejo de dormir. Desde as seis horas da tarde d'este dia até ás seis horas da tarde do seguinte (19 de Abril) não fez o menor movimento, e respirava como um agonisante. Então abriu os olhos, e tornou a fechá-los sem nenhum symptoma de dôr.

—Meu Deus! bradou Fletcher; receio que meu amo esteja morto!

Os medicos tomaram o pulso de Byron, e responderam:

—Tendes razão... está morto!

Os seus restos mortaes foram depositados na igreja onde já repoisavam o general Normann, e Marco Botzaris. As tropas de Missolonghi e uma grande parte da população escoltavam o cadaver do seu mais desinteressado amigo.

Sobre o grosseiro caixão que encerrava o corpo d'aquella grande alma, lançaram um panno negro, e collocaram-lhe em cima um capacete, uma espada e uma corôa de loiro.

Era singelo, mas sublime.

Algum tempo depois d'este fatal acontecimento, Walter Scott, a quem Byron chamava o Ariosto de Inglaterra, escrevia a seu respeito estas memoraveis palavras:

«Cataram-se as vozes de uma justa censura e as vozes da maledicencia. Dir-se-hia que um astro brilhante desapareceu do ceo, no momento em que se observavam, com um telescopio, as manchas que obscureciam o seu esplendor.»

Lamartine, o glorioso poeta da França moderna, dedicou uma das suas melhores odes á memoria do Dante da Grã-Bretanha.

A sua patria erigiu-lhe um monumento.

Como Homero, como Camões, como quasi todos os grandes poetas, Byron viveu perseguido e calumniado, e morreu longe do seu paiz na-

tal. A gloria tem sempre por pedestal a pedra do tumulo.

Na idade de trinta e seis annos deixou de pulsar aquelle nobre coração, apagou-se a luz d'aquella intelligencia, calou-se para sempre a voz inspirada do poeta de *D. Juan* e de *Harold*, poeta tão original como Shakspeare e Hoffmann, amigo desinteressado da liberdade como Washington e Franklin.

F. M. BORDALO.

## PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

No anno 34 da era de Christo, *Simão*, denominado o *Magico*, vendo que os apóstolos communicavam o Espirito Santo pela imposição das mãos áquelles que recebiam o baptismo, offereceu-lhes dinheiro para ter o mesmo poder. S. Pedro rejeitou indignado esta proposta sacrilega, e *Simão*, para se vingar, tornou-se o chefe da primeira heresia que appareceu no christianismo. Dizia ser elle o poder supremo, que apparecia entre os judeus como Filho, na Samaria como Pae, e nas outras nações como Espirito Santo. Publicava além d'estas uma immensidade de extravagancias, que, apesar de tudo, lhe attrahiram sectarios. Até chegou a fazer-se adorar sob o nome de Jupiter, e á sua concubina sob o nome de Minerva. Esta seita não foi perseguida, e comtudo não durou mais de um seculo.

No anno 54, *Cerintho* levantou-se contra os apóstolos, e combateu vivamente a sua doutrina. Reconhecia os milagres de Jesus Christo, porque tinham então um tal grau de evidencia que se não podiam contestar; mas para conciliar o estado humilde em que Christo appareceu, com todos os attributos de Filho de Deus, suppoz em Jesus Christo dois seres differentes — Jesus, filho de José e de Maria; e Christo, que descera em Jesus sob a forma de pomba na occasião do baptismo. Os apóstolos expulsaram a *Cerintho* da Igreja, como corruptor da doutrina. Já então se reputava dogma fundamental do christianismo a divindade de Jesus Christo. O evangelista S. João escreveu o seu evangelho para precaver os fieis contra as heresias de *Cerintho* e seus discipulos.

Em 64, *Hymenèo*, *Philétes*, e *Alexandre* ensinavam que a resurreição já estava feita, e não reconheciam mais do que a resurreição espiritual do peccado á graça. Foram anathematisados por S. Paulo.

Em 66, alguns falsos doutores, escudando-se n'uma maxima equivoca de *Nicolau*, um dos primeiros diaconos, que dizia ser mister abusar da carne, no sentido da necessidade de a mortificar, ensinavam que tudo, até as mulheres, devia ser commum entre os christãos. Por este motivo nas suas assembleas se entregavam aos crimes mais infames. Chamavam-lhes *Nicolaitas*, e S. Pedro fulminou-os na segunda epistola.

Em 72, *Ebion*, chefe dos *Ebionitas*, intitulado-se discípulo de S. Pedro, rejeitava S. Paulo; ensinava que se devia consagrar a Eucharistia unicamente com agua; negava a divindade de Jesus Christo, e a virgindade da Mãe, acrescentando que Deus entregara ao diabo o imperio do mundo, e o do seculo futuro a Christo, a quem elle distinguia, como Cerintho, do filho de Maria e José.

No anno 74, *Samaritano* adoptou os erros de Simão o Magico, e dos Nicolaitas. Sustentava que o mundo fôra creado pelos anjos; e que elle proprio era a omnipotencia de Deus Padre, e o unico salvador dos escolhidos que não podiam entrar no ceo sem o poder da sua arte magica. Seus discipulos viviam tão dissolutamente como a maior parte dos hereticos d'este seculo. Foi d'esta seita que saiu, trinta annos depois, *Saturnino*, que ensinava ser o casamento e a geração uma obra diabolica.

Em 105, *Basilidas*, querendo conciliar a origem do mal com a bondade de Deus, ensinava que o mundo não fôra creado immediatamente pelo Ser Supremo, e sim pelas intelligencias que o Ser Supremo tinha produzido, e que foi das imperfeições d'estas intelligencias que nasceu o mal que se encontra no mundo. O Salvador, segundo *Basilidas*, tinha feito os milagres de que os christãos fallavam; porém sustentava que elle não havia encarnado, que tivera um corpo phantastico, que não fôra verdadeiramente crucificado, e que se não devia expor por sua causa á morte.

Em 107, *Elxai*, de origem judaica, chefe dos *Elcesaitas*, mais conhecidos pelo nome de *Osseanos*, prega que se pode e deve dissimular a fé para subtrahir-se ás perseguições; e como ordinariamente um erro precipita em novo erro, ensina que Jesus Christo é uma virtude material, á qual deu noventa e seis mil pés de longitude, e espessura á proporção. Pelo que respeita ao Espirito Santo, representava-o como uma divindade femea, postada defronte de Christo como uma estatua, sobre uma nuvem entre duas montanhas, que tinham as mesmas dimensões. Este extravagante, e os seus discipulos aborreciam a continencia, e olhavam a virgindade como uma infamia. Juravam pelo sol, pela agua, pelo pão, pelo ceo, pelo azeite, pelo vento, e pelos santos anjos da oração; e estes juramentos eram inviolaveis e sagrados.

Foi no começo d'este seculo que a maior parte dos heresiarchas tomaram o nome de *Gnosticos*, palavra que significa *sabios* ou *illuminados*, e que prova que o orgulho era o unico facho que os esclarecia.

141. *Cerdon* e *Marcion* admittem dois principios; um bom, pae de Jesus Christo, que, segundo elles, nunca tinha encarnado; o outro, autor da lei judaica, e creador d'este mundo. Foram condemnados n'um concilio que alguns annos depois se reuniu no Oriente.

144. *Theodoto*, pessoa muito instruida, apostatou, para justificar a sua fraqueza, e negou a

divindade de Christo, e a existencia do Verbo eterno. Este heresiarcha, e os seus discipulos, foram chamados *Alogeos*, ou *inimigos do Verbo*, e foram condemnados nos concilios de Roma, em 146, d'Hieraples, na Asia, em 173, e varios outros.

168. *Montano*, chefe da seita dos *montanistas*, era um eunuco phrygio. Dizia-se propheta, e parecia agitado de espirito maligno. Ensinava que Deus havia primeiramente querido salvar o mundo por Moysés e pelos prophetas, e não o conseguira; que depois encarnara, e não fôra melhor succedido; que finalmente descera n'elle *Montano* pelo Espirito Santo, de quem dizia que recebera a plenitude. Por isto intitulava-se *Paracleto*, que significa *espirito consolador*. Ganhava-se de maior perfeição que os apóstolos. S. Paulo permittira as segundas nupcias; *Montano* prohibia-as, como uma devassidão; e permittia dissolver os casamentos. Estabelecia novos jejuns. Os apóstolos haviam instituido só uma quaresma, e *Montano* ordenava tres em cada anno. Prohibia fugir á perseguição, e queria que se procurasse o martyrio. Finalmente, quasi que não recebia os peccadores á penitencia. Os seus erros foram anathematisados nos concilios de Iconia e Synade, na Asia, no anno de 235; e apenas elles appareceram logo o foram por grande numero de bispos e sabios catholicos. A seita de *Montano* produziu uma infinidade d'outras.

175. *Apelles*, discipulo do heresiarcha *Marcion*, afastou-se do seu mestre em muitos pontos, e foi chefe de uma seita que de seu nome se chamou *Apellitas*. Entre outros absurdos dizia que Jesus Christo se formara um corpo de parte de todos os ceos por onde descera á terra, e que na ascensão fôra deixando a cada ceo a parte que d'elle tomara. Uma das grandes objecções que pretendia fazer ao livro do Genesis, era que Deus não podia ameaçar de morte a Adão, se comesse do fructo prohibido, porque Adão, não conhecendo o que era a morte, não sabia se isto era um castigo.

Continua.

#### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXX

De como o mestre de campo francez, tanto que viu enforcar o ditto Francisco Gil mandou enforcar o piloto francez.

Podera mui bem o piloto francez negar tudo o que Francisco Gil tinha ditto; mas cuidou que

nem a um nem a outro fizessem nada. Este piloto do patacho tinha nelle ametade, e o outro francez a outra ametade; e tinha o patacho fama de bem veleiro, e dizem que era um pensamento, porque alguns tinham já fugido do porto desta cidade, e lhe botavam outros, e os traziam; mas estes estavam seguros, que ainda que lhe botassem outros era por demais. E todos estes patachos e navios francezes não se podiam ir nem bulir do porto, sem licença do seu mestre de campo general, e capitães. O dito Francisco Gil como era piloto, não fallou mais que com o outro piloto, e não fallou com o francez que era dono da outra ametade; antes quando fallou ao piloto, o piloto o avisou que não fallasse ao seu companheiro, porque não havia de querer, e que sem elle iriam, pois lhe pagavam bem. E por esta causa o mestre de campo Bautista, sabendo já tudo, fez perguntas ao piloto francez, sem tratos, o qual confessou tudo, que era verdade. Acabada a confissão o mandou enforcar na ponta do caes; o qual piloto era christão, e catholico morreo, porque o Bautista o mandava enforcar sem ir com elle confessor algum, nem padre, nem irmãos da Casa da Santa Misericordia, nem Crucifixo, que assim faziam elles antes a muitos. Souberam os irmãos da Santa Misericordia que era catholico, e veio-o dizer o confessor, a quem elle tinha mandado chamar á prizão; e acudiram

com pressa, com padres e irmãos, com bandeira e Crucifixo, e até o enforcarem o foram animando na nossa Santa fé, e elle nella morreu pedindo perdão a todos, se delle tinham algum escandalo; e não deixaram os moradores da cidade de terem delle muita lastima. Podia ser homem de quarenta annos.

Continua.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

### PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas de costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.º volume de *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

## AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a *Illustração Luso-Brazileira*, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a *Illustração Luso-Brazileira*, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da *Illustração* — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da *Illustração* concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças,

e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da *Illustração Luso-Brazileira*, consideravelmente melhorada, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annuciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circumstancias.

As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.º 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA

Por anno . . . . .	4:000 rs.
Semestre . . . . .	2:100 »
À entrega . . . . .	90 »

PROVINCIAS (*franco de porte*)

Anno . . . . .	4:300 »
Semestre . . . . .	2:250 »